

#cm  
2

SEGUNDA-FEIRA

Diva da nossa canção popular, Alaíde Costa é tema da cinebiografia 'A Noite de Alaíde', que será exibida nesta terça (13) no Festival do Cinema Brasileiro em Paris. Liliane Mutti, diretora do longa, conversou com nosso crítico Rodrigo Fonseca. Pág. 2

*Todas as telas para  
UM ROUXINOL*

## ENTREVISTA | LILIANE MUTTI

CINEASTA



Divulgação

# ‘Posso experimentar toda sorte de cinema, mas a música estará sempre lá’

**RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

**A**laíde Costa não precisa que falem por ela, pois bastam alguns acordes para esse rouxinol do Méier comprovar o que fez com a canção brasileira, aveludando fraseados de lirismo puro. Por isso, “A Noite de Alaíde” - um dos títulos que vão encerrar o 28º Festival du Cinéma Brésilien de Paris, nesta terça-feira (14) dispensa as estratégias de “verbete de Wikipedia” comum a narrativas biográficas brasileiras e deixa sua protagonista soltar o que tem de mais divino: a voz. A sacada que sua diretora, Liliane Mutti, encontrou para dar à cantora uma ribalta cinematográfica mais original do que o padrão da nossa não ficção foi aplicar linguagem de animação a sequências pautadas pela emoção. Ao animar situações do passado da intérprete de “Afinal”, recriando fatos dos anos 1940 e 50, a realizadora baiana dá ao evento francês um exercício híbrido de expressões poéticas em movimento. “Fiz mestrado em Estudos de Gênero, investigando a partir de Clarice Lispector, o cinema queer, o feminismo radical, na universidade onde estudaram Lacan, Foucault e Deleuze. Recentemente, decidi voltar para o doutorado, em Cinema, na UFBA. Sinto tudo em diálogo. Cada filme para mim é uma tese, uma visão e principalmente, um projeto de mundo”, explica Liliane ao Correio da Manhã.

Realizadora de “Salut, mes ami.e.s !” (2023) - filme sobre o rito de passagem da juventude, ambientado no CIEP 449, de Niterói - e de “Madeleine à Paris” (2024) - focado no performer Roberto Chaves, o Robertinho -, essa artesã das artes documentais explica nesta conversa o que buscou animar ao revisitar uma deusa do nosso cancionário.

**O que Alaíde Costa representa para a canção brasileira?**

**Liliane Mutti** - Uma mulher, cantora, compositora, negra, mãe e com uma travessia nada fácil. A história da Alaíde é digna de cinema, com rasteiras, reviravoltas e um reconhecimento tardio, mas potente. O que busco retratar é sobretudo a dignidade que sempre esteve com

ela. Ela nunca se rendeu à fama fácil e se manteve fiel à sua forma de cantar, mesmo que, em muitas rodas, destoasse do estruturalmente esperado.

**Como foi estruturada essa produção a partir da França, onde você mora?**

A produção foi feita no Brasil, sobretudo em São Paulo, onde a

Alaíde mora e onde estava a maioria do elenco, mas temos imagens do Rio, que não poderiam faltar quando falamos de Bossa Nova. A equipe é franco-baiana, com grandes parceiros criativos que me acompanham. Sou bem fiel à equipe com que trabalho, porque temos construído uma linguagem coletivamente. É um time majoritariamente de mulheres, das funções de chefia

estamos estudando como filmar em película, mas temos a limitação de laboratórios no Brasil.

**O que a maratona cinéfila produzida por Katia Adler, o Festival du Cinéma Brésilien de Paris, representa aí para a vida cultural da capital francesa?**

É minha casa, meu ninho e meu trampolim. Tenho uma imensa admiração pela curadoria da Katia e pela luta dos festivais brasilianistas no exterior. É preciso olhar para o trabalho de embaixadoras e embaixadores do cinema brasileiros que pessoas como ela exercem na prática. A Embratur começou a se atentar para importância estratégica do festival para a promoção do soft power brasileiro no exterior. As Film Commissions das cidades brasileiras, com potencial e visão para o cinema, também são parceiras potenciais do festival. O Festival do Cinema Brasileiro de Paris é gigante, divulga os nossos filmes no seio da cultura francesa e europeia, mas tenho certeza que ele ainda vai crescer muito e quero estar lado a lado da Katia nos seus 30 anos, em 2028.

**Que novos projetos você tem para o ano?**

“Angela Ro Ro, O Grande Escândalo Sou Eu”. Esse filme está previsto para 2027, mas estou amando tanto vê-la viva na tela que parece que não quero acabar. Ela revive através do filme e isso é um bálsamo para o luto, meu e de tantos que a amaram intensamente, como ela viveu. Estou mergulhada ainda em outro filme, que está começando a circular os festivais em paralelo ao “A Noite de Alaíde”: o “Quanta Reza Será Preciso Para um Simples Banho de Mar”. É um que se se passa em Niterói e mostra a herança maldita da ditadura militar brasileira para o meio ambiente e como esses ecos chegam até hoje, nas gerações atuais.

**Desde quando você mora na França?**

Desde o pós-golpe da primeira presidenta do Brasil (Dilma Rousseff), pois foi uma queda muito difícil, para quem trabalha com arte, ver um país como Brasil acabar com seu Ministério da Cultura. Foi uma dor e uma vergonha sem tamanho. Moro em Paris, no Marais, um bairro gay com muito orgulho, mas vivo numa ponte (com o Brasil) e a minha raiz é sempre a Bahia. Tenho chão e teto e família em Salvador. Foi onde escolhi fazer meu doutorado em cinema, onde investigo o cinema franco-brasileiro em uma perspectiva decolonial. Podemos criar juntos, mas o eurocentrismo precisa ser combatido e o cinema latino-americano tem feito isso muito bem.

de produção à técnica. O animador é o mesmo que estreou no longa de animação comigo e o Daniel Zarvos no filme “Miúcha, A Voz da Bossa Nova”: Guilherme Hoffmann. Ele animou as aquarelas desenhadas por Miúcha lá. Desta vez, criamos quadro a quadro os desenhos, com a animação feita a partir do corpo e da interpretação dos atores.

**O que o cinema documental musical te oferece de mais desafiador e de mais potente em suas recorrentes passagens pelo filão?**

“A Noite de Alaíde” é meu quarto longa e primeiro com elementos mais fortes da ficção. Amo cinebiografia musical, sou público e criadora. Posso experimentar toda sorte de cinema, mas a música estará sempre lá. Mas pra ser muito sincera, para mim só existe filme. Tudo é filme quando inventamos e reinventamos mundos a partir de um olhar. Também sou uma rata dos arquivos e são eles que me permitem mergulhar em acervos de película, que é minha grande cachaca. Meu próximo projeto de ficção

# No tempo das diligências... de Orlando Senna

Borboleta Filmes

Pilar da política cultural de inclusão e artesão documental, o diretor baiano ganha mostra na Caixa Cultural que abre tela para o banguê-banguê 'Longe do Paraíso', western memorável

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

L aureado com o prêmio de júri popular no Festival de Brasília de 2020, "Longe do Paraíso", um raro exemplar brasileiro de faroeste... mas faroeste mesmo, à vera, e não uma cilada retórica... calcado nas raízes estéticas do gênero, nunca teve estreia comercial em circuito carioca. Sua projeção na telona da Caixa Cultural aqui do Rio, nos dias 28 de abril e 2 de maio, torna (ainda mais) obrigatória a presença (e a reverência) do público à mostra "Orlando Senna - Cinema, Brasil e América Latina", batizada com o nome de seu realizador. Sua programação vai ocupar o aparelho de cultura da Caixa - essencial à formação cinéfila do RJ - de 21 de abril e 10 de maio de 2026, numa celebração dos 86 anos do realizador baiano, nascido em Afrânio Peixoto, distrito de Lençóis, Chapada Diamantina, em 1940.

A idealização e produção da mostra são da cineasta Diana Iliescu, que criou a curadoria do evento com a produtora Sol Moraes, presidente da Coalizão Brasileira pela Diversidade Cultural (CBDC). Escolheram com título de abertura "O Amor Dentro Da Câmera" (2021), um ensaio documental de Jamille Fortunato e Lara Beck Belov. É impossível pensar em Orlando sem falar em documentário. Mas seu western acerta alvos em que nosso audiovisual raramente mirou.

Celebrizado no auge da pan-



O pistoleiro Kim, o Django de um país de lutas fundiárias, é o epicentro de 'Longe do Paraíso', de 2020



Orlando Senna fez da política cinematográfica um espaço de poética... no verso da inclusão

demia, "Longe do Paraíso" é uma expressão narrativa refinada, que traz um personagem capaz de abrir debates sobre a prática do vigilantismo: o pistoleiro Kim. É uma espécie de Franco Nero do Nordeste, sempre de roupa preta e de trabuco na cintura. Ele roga a Deus e manda Bala, carregando a Morte no vitreo dos olhos. Ele já matou demais para quem tem pouco mais de 20 e poucos anos na terra de bravos, sem lei e sem alma, que Senna criou. O diretor marcou época em duo com Jorge Bodanzky em "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1974), que a mostra da Caixa exibe no próximo dia 25, às 15h, com repeteço no dia

1°. Ali, trilhava uma curva nas raízes da não ficção. Aqui, ele dialoga com a tradição de John Ford e Howard Hawks, mas de uma maneira particularíssima.

A lembrança de Nero é forte (e eterna) por seu personagem mais famoso: Django. Como ele, Kim também arrasta um caixão, só que não um de madeira e, sim, um feito da matéria existencial que Sartre chamava de Náusea, com o "N" maiúsculo da negação do sentido de pertença. Lê-se em Sartre que "O ser humano é um existente que nasce sem motivo, dura por fraqueza e morre por acaso". Kim até estaria assim se não houvesse um vetor que obrigasse o sujeito a encontrar um propósito: matar. Sua patroa, chamada Madame (papel que Sonia Dias executa numa atuação viçosa),

obriga que este pistoleiro de um Brasil regido a balas nunca se mantenha inerte na ciranda nauseante de seu dia a dia. Matar é sua CLT.

A alusão a Django - dado o visual do personagem encarnado a vísceras e puro humanismo pelo ator Ícaro Bittencourt, num jorro de potência - pode fazer parecer que estamos numa ambientação de western spaghetti, qual a dos cults de Sergio Corbucci ou de Tonino Valerii. A lembrança é forte, entretanto não é com o banguê-banguê à italiana que o diretor de "Imagem da Terra e de Povo" (1969) se irmana neste longa-metragem. Senna se liga mais ao faroeste psicológico americano do pós-guerra, da lavra de Anthony Mann (1906-1967), sobretudo "O Preço de um Homem" (1953) e "O Tirano da Fronteira" (1955). Há um mal-estar existencialista no banguê-banguê brasileiro que parece muito com a linhagem de Mann.

Embalado pelo que periga ser a melhor trilha sonora de David Tygel em muitos anos (e olha que o nível musical desse compositor é dos mais altos), Senna faz um balé de câmera, de gestos sinuosos. Enquadra de maneira estanque, apoiado por uma fotografia apolínea (assinada por Pedro Semanovich), sendo quase monolítico em alguns movimentos, como no plano e contraplano em que as entranhas afetivas de seus personagens são evisceradas. Na hora dos tiros, tudo é ágil, pois a montagem (impecável) de Luiz Guimarães Castro responde (sem

nervosismos, mas bem atenta) às cartilhas do faroeste moderno.

Nos primeiros minutos de "Longe do Paraíso", na sequência que melhor dialoga com o histórico documental de Orlando (como "Gitirana", também feito com Jorge Bodanzky), Kim mata um homem e seu filho (uma criança) num ataque a um acampamento do MST. Artesão do realismo político e dos códigos documentais de denúncia, o veterano realizador baiano se desgruda de seu protagonista para cartografar a exclusão ao falar do empenho resiliente do Movimento dos Sem Terra. Mas, logo, num fluxo de edição preciso, o cineasta volta a enquadrar o duplo assassinio cometido por Kim a partir dos ditames da trama e revela que o ato foi um erro dele como matador. Morreu quem não deveria: ele matou as pessoas erradas. Para pagar por seu deslize, Kim é escalado para assassinar uma mulher ligada à resistência fundiária no Nordeste. O alvo é Bel, personagem de muitos calos nas mãos e na alma a quem Emanuelle Araújo, em seu mais potente desempenho como atriz, esculpe de um barro similar àquele de onde Anna Mangnani tirava as heroínas do Neorealismo. O componente que mais pesa no fardo/fado de Kim é o fato de que Dea é sua irmã. Brota daí um conflito trágico regado a pólvora.

No dia 22, às 14h30, a Caixa reflete a luz ecológica de Senna com "A Idade da Água", de 2018.

## CORREIO CULTURAL



Oseias Brabosa/Divulgação

Leonardo Bora e Gabriel Haddad diante da escultura

## Da Marquês de Sapucaí para o museu

“Casa Fluminense”, coletiva com obras de 60 artistas de diferentes regiões do estado em cartaz na Casa Brasil, tem entre seus destaques uma escultura que passou pelo Sambódromo no último carnaval. Trata-se de “Pierrô Apaixonado”, obra que integrou a quarta alegoria do desfile do GRES Unidos de Vila Isabel com enredo em homenagem ao multiartista Heitor dos Prazeres.

Seus criadores, os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, acreditam que não existem fronteiras entre as chamadas artes carnavalescas e a arte contemporânea. “Deslocada do contexto da avenida, uma escultura de carro alegórico se transforma em outra coisa, podendo adquirir diversos novos significados. A escala muda, o nosso olhar é desafiado”, destaca Bora.

## Procura-se talentos

A Pallas Editora abre nesta segunda (13) as inscrições para a edição 2026 do Prêmio Pallas de Literatura, iniciativa criada em 2024 para descobrir e impulsionar novos autores negros na cena literária brasileira. Neste ano, a premiação traz uma mudança importante: pela primeira vez, o concurso será dedicado a livros de contos inéditos, ampliando as possibilidades de participação de escritores em diferentes momentos de suas trajetórias. As inscrições serão realizadas apenas pelo site [www.premiopallas.com.br](http://www.premiopallas.com.br) até 29 de maio.

### Presença ancestral

Durante o mês de abril, o Gomeia Galpão Criativo, em Duque de Caxias, será palco de dois grandes encontros culturais: a Vivência de Maracatu e o 14º Unificando Saberes – Presença Ancestral, encontro nacional do Grupo Unificar de Capoeira Angola (GUCA).

### Presença ancestral II

A programação fortalece saberes ancestrais, amplia a formação artística e contribui para a valorização das culturas negras na Baixada. Nesta segunda e terça (13 e 14), das 18h às 21h, ocorre a Vivência de Maracatu, comandada por Mestre Fabinho, da Estrela Brilhante do Recife.

### Um musical pro Zeca Pagodinho

O projeto Viva Xerém! está desenvolvendo o espetáculo cênico-musical “Viva o Zeca”, uma homenagem a Zeca Pagodinho, idealizador do Instituto que leva seu nome onde a iniciativa é realizada. Pela primeira vez, o artista será o tema central de um espetáculo realizado pela instituição. A produção vai percorrer diferentes momentos da trajetória do cantor.



Guto Costa/Divulgação



AF Rodrigues/Divulgação

Pierre Aderne e os músicos do coletivo Rua das Pretas na Casa de Darcy Ribeiro, em Maricá

# Samba, ijexá, fado e capoeira sem hierarquia

Novo projeto de Pierre Aderne e do coletivo Rua das Pretas, álbum ‘Povo Brasileiro’ reúne músicos de Brasil, Cabo Verde e Portugal

esmagou e ao que ele criou. O título “Povo Brasileiro” relê simbolicamente as rotas atlânticas, uma “lavagem” das caravelas no seu regresso ao Rio, conduzida por músicos que compartilham a língua portuguesa em suas variações.

Rua Das Pretas funciona como um espaço cultural itinerante há 15 anos. Pierre Aderne aproximou a música do Brasil, Portugal e África através de turnês por salas portuguesas como Coliseu dos Recreios e Coliseu do Porto, além de apresentações pela Europa e Estados Unidos. O projeto acumula colaborações com artistas como Seu Jorge, António Zambujo, Melody Gardot, Tito Paris e Sara Tavares. Em 2012, Aderne realizou o longa “MPB - Música Portuguesa Brasileira”, seleção oficial do Festival do Rio e premiado no Douro Film Harvest.

O nome Rua Das Pretas remonta a Lisboa do século XVI: há 500 anos, mulheres negras carregavam água das fontes pelas ruas da cidade. A rua, fundada em 1567, tornou-se símbolo dessa circulação de pessoas e culturas. Quando Aderne se mudou para lá em 2011, sua casa virou ponto de encontro de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Carminho e José Eduardo Agualusa — um espaço onde a música brasileira, portuguesa e africana conversavam naturalmente.

“Povo Brasileiro” também ganha versão em curta-metragem e será apresentado em shows confirmados: 12 de maio em L’Ermitage, Paris, e 24 de maio na Praça XV durante o Festival Remexe Rio — Um Manifesto da Língua Portuguesa. O álbum está disponível em plataformas digitais.

### AFFONSO NUNES

**P**ierre Aderne volta a cruzar o Atlântico pela música. Desta vez, o projeto Rua Das Pretas lança “Povo Brasileiro”, um álbum que parte de um texto do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) para investigar como se formou o Brasil — não por uma viés nostálgico, mas pelas fricções, rupturas e encontros forçados de raças que moldaram o país. Quase como um “Buena Vista Social Club” brasileiro, este achado musical reúne músicos de três continentes unidos pela língua portuguesa: brasileira, portuguesa e cabo-verdiana.

Gravado em junho de 2025 na Casa Darcy Ribeiro, em Maricá — a residência projetada por Oscar Niemeyer inspirada nas aldeias Tupinambá —, o álbum é uma obra de criação que entrelaça samba, samba de roda, ijexá, mornas, fados, capoeira e pontos de candomblé sem estabelecer hierarquias entre eles. As letras são de Pierre Aderne e as melodias de Moacyr Luz, com exceção de algumas composições que envolvem também Kiko Horta e Aldir Blanc. A direção musical e os arranjos ficam a cargo de Kiko, que assina a produção ao lado de Aderne.

As canções deste trabalho serão apresentadas ao vivo pela



Divulgação

primeira vez em 12 de Maio, no L’ermitage, em Paris. No dia 24, Aderne e Rua das Pretas participarão do Festival Remexe Rio — Um Manifesto da Língua Portuguesa, na Praça XV.

O elenco que participou da gravação inclui a cantora cabo-verdiana Zulu, a fadista portuguesa Ana Margarida Prado, o multi-instrumentista Nilson Dourado, a flautista Leticia Malvares, Jurema De Candia e integrantes do Cordão do Boitatá — Paulino Dias, Quininho da Serrinha, Edu Neves, Aquiles, Everson Moraes, Bruno Aguilar e Tadeuzinho. Na seção de cordas, aparecem Luis Barcelos e Carlinhos 7 Cordas.

A questão que move o projeto é explicitamente política. Na visão de Darcy, o Brasil nasceu da violência, dos encontros forçados, da resistência e da recomposição. Aderne transpõe essa tensão para a música: em vez de “contar a história”, ele dá voz às fricções — ao que o Atlântico

# CRÍTICA DISCO | PARISIAN FIFE – FOR FLUTE AND HARP

POR AQUILE RIQUE REIS\*

**A**bro a janela e o céu brilha num azul límpido. Que bom! Por alguns instantes permaneço imóvel ali. O olhar vagueia sem rumo. Sinto frio. Mas o sol tá lá no alto... que frio é esse, meu camarada? Sei lá! Ou melhor, sei; é o frio eterno que teima em nunca desgrudar. Parece até premonição maléfica. Vixe! Num arrepio, esperneio para espantar o mau presságio.

Não demora muito, vem a mim a possibilidade de haver coisa ruim rondando o futuro próximo. Aff, se não é aquela turma sinistra que poderia voltar a reinar, restabelecendo seus planos macabros. E logo os golpistas, os mais imbecis e de inexprimível malignidade, que para ajudar a eleger o filho do “contra vacina”, imploram pelo apoio de Trump, o imperador. É, tem jeito não; essa turma não mede esforços para que a barbárie se perpetue.

Igualmente assustadora é a pretensão que têm de eleger 50% do Senado: isso permitiria indicar o novo presidente da Casa, que pautaria o impeachment de ministros do STF e do TSE, os que, valendo-se da Constituição, impediram a vitória dos terraplanistas. Hoje, cabe àqueles que prezam pelo Estado de Direito fazer prevalecer o bom senso, votando pela democracia e pela soberania brasileira. Não podemos voltar a ser colônia de um império decadente.

Preocupado, mas esperançoso, vejo na música o calor capaz de



Murilo Mosser/Divulgação



Divulgação

*Músico e educador, Marcondes lança novo álbum, um trabalho que nos enche de esperanças diante de tantas incertezas*

## A música e a democracia

aliviar meu frio. Sim, porque hoje, graças à democracia, manifesto-me republicanamente. Que seja assim para sempre!

Em busca do aconchego da democracia, recorro à música do álbum autoral do compositor João Marcondes, “Parisian Fife – For Flute and Harp” (Azul Music). Trabalho que reúne obras para flauta e harpa, tocadas pelo flautista brasi-

leiro Rogério Wolf e pela harpista argentina Sole Yaya.

O CD reúne as obras autorais Pífaro Parisiense (Opus 67), com os movimentos “Abertura”, “Gonzagueana”, “Debussyana” e “Frevô”, que têm como protagonista os solos da flauta que expõe ao máximo os recursos do instrumento. A delicadeza da flauta na “Abertura” tem beleza desconcertante. Um sopra

de esperança varre o ar e limpa meus olhos.

E “Boneca de Pano”, com os movimentos “O Olhar Cativante da Boneca de Pano”, “Faceira” e “Polinizadores”. A flauta em “Faceira” distingue a qualidade do instrumentista que se deixa impulsionar pela emoção e alcança fôlego admirável. Momento em que a criatividade de Marcondes demonstra empatia e

fluência sempre presentes nos movimentos em que as flautas se juntam à harpa. Creiam, Parisian Fife – For Flute and Harp é um álbum no qual culturas musicais múltiplas se unem a composições eruditas e camerísticas contemporâneas – é a música se tornando libertária!

E oxalá a música e a democracia voltem a nos salvar e fortificar. Ouça o álbum em <https://sl1nk.com/jufu3su>.

### Ficha técnica

Gravação: estúdio Arsis; engenharia de som: Adonias Junior; produção: João Marcondes; em formato digital e nas plataformas de música.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Daniela Moraes/Divulgação



### Ponte musical Brasil-Cuba

O grupo Los Bodegueros apresenta “Abolero”, primeiro single do álbum de estreia “Rio Habana”, previsto para junho. A faixa, com participação de Áurea Martins e Armando Marçal, une ritmos cubanos tradicionais à sofisticação brasileira, evocando a leveza do bolero contemporâneo e referências do saudoso João Donato. O álbum terá dez faixas inéditas em gêneros como bolero, chá-chá-chá, son e danzón, com participações de músicos como Gutto Wirtti, Marcus Thadeu e Rui Alvim. Vocais cubanos de David Campos e Daybel Rodriguez.

Divulgação



### Inspirações cotidianas

Gustavo Spínola apresenta “Do Acaso ao Cais – Vol. 1”, primeiro movimento de álbum que será lançado em três etapas. O EP traz duas canções sobre encontros que transformam o acaso em porto seguro. “Voa”, faixa de abertura, é dueto com Ivan Lins. “Fiquei impressionado com esse jovem músico e compositor. É um trabalho elaborado e intrigante”, atesta Ivan. “O Dia” encerra o projeto, nascida da inspiração no cotidiano — aquele momento em que se espera alguém chegar, mas o tempo custa passar.

Juliana Machado/Divulgação



### Canções descomplicadas

Renan Guerra apresenta seu EP “Artista”, projeto de quatro faixas acompanhado por curta-metragem. O cantor carioca trata a obra como integrada, onde música e imagem caminham juntas. O primeiro single, “Eu Acordei”, é pop romântico composto com o produtor Michael Sullivan. “Sempre apreciei a maestria dele para escrever músicas de apelo popular. Me sinto abençoado por essa parceria”, afirma Renan. O EP explora diferentes vertentes do pop, desde influências de Tim Maia a Aerosmith. O foco é na canção, com arranjos descomplicados.

Cacá Bernades/Divulgação



*Envolta em papéis, Natasha Corbelino reflete sobre os vários tipos de cansaço que afetam nossos corpos e mentes*

# Do apartamento para os palcos

Natasha Corbelino retorna ao Rio com “1 Peça Cansada”, performance que transforma exaustão em encontro coletivo

**N**atasha Corbelino retorna ao Rio com “1 peça cansada”, performance que nasceu do esgotamento. Após uma turnê teatral na França, a autora, atriz e produtora carioca enfrentava um cansaço físico e mental tão intenso que resolveu transformá-lo em matéria artística. O resultado é um espetáculo que, desde sua estreia em 2025 na sala de seu apartamento, conquistou mais de mil espectadores e realizou mais de 100 apresentações pelo país. Agora, de 13 a 21 de abril, a peça ocupa o Teatro Firjan Sesi Centro Centro.

O que começou como um projeto íntimo ganhou dimensões inesperadas. A performance chamou atenção de crítica e público: recebeu indicação ao Prêmio Shell de Teatro em São Paulo pela direção de figurino assinada por Natasha, passou por temporada em São Paulo em dezembro e segue em

circulação. O diferencial da montagem está justamente na proposta de eliminar hierarquias convencionais do espaço cênico. O público é convidado a se acomodar confortavelmente — há até colchões para quem estiver mais cansado. Não há separação clara entre palco e plateia; há, em vez disso, um convite ao encontro que marca a prática artística de Corbelino.

A estrutura da dramaturgia é uma listagem de diferentes tipos de cansaço. Natasha reflete sobre fracasso e criação, rigor e liberdade, franqueza e coragem, tocando em pontos de identificação entre artista e espectadores. Ela enumera seus próprios cansaços — com a profissão, com relacionamentos interpessoais, com redes sociais — e propõe que esses sentimentos não são individuais, mas coletivos. A cidade está cansada, mas ainda brilha, é o que a performer sugere ao público. Visualmente, a peça trabalha com papéis como elemento central. Natasha aparece envolta

“*Nossos cansaços ocupam espaços imensos, então ocupar um teatro maior é o caminho para a comunidade cansada se sentir acolhida. É também reconhecer que essa experiência não é individual, é coletiva*”

**NATASHA CORBELINO**

neles, enquanto outros papéis — fotos, trabalhos de escola, até uma cópia da Constituição — repousam sobre uma mesa. Esses objetos também estão cansados, como a artista costuma dizer. E a Constituição, em particular, é apresentada como “a brasileira mais cansada”.

A artista é conhecida por inventar modos diferentes de estar em cena e por seu apreço por per-

formances de longa duração. Durante a pandemia, realizou uma transmissão ao vivo em que passou seis horas falando nomes de trabalhadoras da cultura; em outro momento, dedicou 12 horas a repetir a palavra “Educação” e sete horas a palavra “Constituição”. Esse interesse pelo entrelaçamento entre teatro e performance marca sua prática artística.

Para Natasha, o aspecto mais importante do trabalho é a intimidade e cumplicidade desenvolvidas com os espectadores. “Quando voltei da turnê pela França, me dei conta de que precisava insistir em imaginar futuros com a cidade onde eu morava. Para isso, só inventando meu próprio trabalho independente naquele momento sem horizontes”, comenta a artista. “Criei o único projeto honesto que eu poderia criar como artista e produtora, um espetáculo que traduziu aquilo que eu estava sentindo na época: um cansaço extremo.” A volta ao Rio com a peça em um teatro maior representa uma mudança de escala significativa. “Nossos cansaços ocupam espaços imensos, então ocupar um teatro maior é o caminho para a comunidade cansada se sentir acolhida. É também reconhecer que essa experiência não é individual, é coletiva”, explica Natasha.

A performance traz também uma reflexão sobre a relação entre criação e fracasso. Ao listar seus próprios cansaços — profissionais, pessoais, políticos —, Natasha propõe que a exaustão é um material válido para a arte e compartilha essa experiência num momento em que as demandas sobre nossos corpos e mentes se multiplicam.

## SERVIÇO

### 1 PEÇA CANSADA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1)  
De 13 a 21/4, segundas e terças-feiras (19h)  
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# Os tentadores sabores italianos na praça

Semanas da Gastronomia Italiana no Rio recebe chefs da Sardenha e Sicília na recém restaurada Praça Itália

AFFONSO NUNES

**R**écem-resturadam, a Praça Itália, no Centro, ganha uma programação dedicada à gastronomia italiana ao longo de sete semanas. O evento “As Semanas da Gastronomia Italiana no Rio de Janeiro” funcionará no Chiosco da Praça, ao lado do prédio do Consulado da Itália, de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h, oferecendo pratos simples e autênticos preparados exclusivamente com produtos italianos importados.

A iniciativa segue um modelo rotativo: cada semana, um restaurante italiano diferente assume a cozinha e apresenta seu cardápio. A primeira semana, de 13 a 17 de



Silvio Podda, da Casa do sardo, é o chef da primeira semana do evento

abril, é protagonizada pela Casa do Sardo, sob comando do chef Silvio Podda. Sardo de nascimento, Podda chegou ao Rio há mais de uma década e consolidou sua reputação com receitas familiares da região de Sardenha — desde o leitão assado

orgânico até pratos à base de frutos do mar, como polvo cozido em vinho branco e bottarga (ovas de tainha curada). Com sua atmosfera de cantina autêntica, a Casa do Sardo não apresenta alta gastronomia experimental, mas culinária regio-

nal genuína.

As receitas de Podda remetem à tradição de sua região priorizando ingredientes importados e técnicas tradicionais passadas de geração em geração. O restaurante, localizado em São Cristóvão, consolidou re-

putação como um dos melhores restaurantes italianos da cidade justamente por manter essa autenticidade, sem concessões a modismos.

Na sequência, no dia 21 de abril, o pizzaiolo Pierluigi Russo, da Pizzeria Bento, assume o Chiosco. Russo integra a rede 50Top Pizza, ranking internacional que reconhece as melhores pizzarias do mundo. A terceira semana, de 27 a 30 de abril, fecha a programação de abril com o chef Tobia Messa, do restaurante Flor do Céu, que trabalha com uma proposta de culinária italo-sul-americana na Chácara do Céu, no Alto Leblon.

Além do cardápio diário no Chiosco, o evento inclui atividades complementares: haverá apresentações musicais durante as semanas e cursos com experiências gastronômicas na “Cucina”, enriquecendo a agenda com momentos formativos. A programação se estende por sete semanas, com participação de outros restaurantes italianos a ser anunciada progressivamente.

Todas as informações sobre os próximos chefs e datas serão divulgadas em breve.

## SERVIÇO

### AS SEMANAS DA GASTRONOMIA ITALIANA NO RIO

Chiosco da Praça Itália (Av. Presidente Antonio Carlos, 40 - térreo, Centro)

13 a 17/4: Chef Silvio Podda (Casa do Sardo)

21/4: Chef Pierluigi Russo (Pizzeria Bento)

27 a 30/4: Chef Tobia Messa (Flor do Céu)

Sempre das 8h às 18h

Informações: [www.italianorio.com.br](http://www.italianorio.com.br) | @poloitalianorio

## NOTÍCIAS DA COZINHA

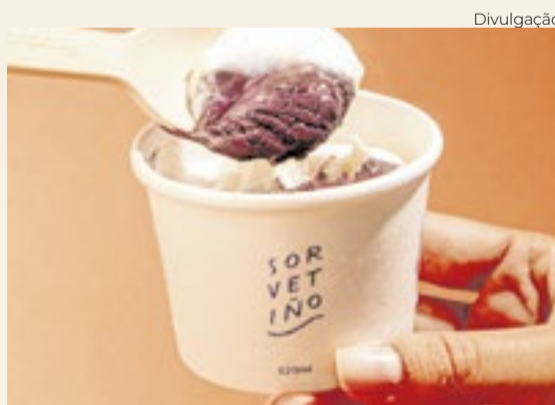
POR NATASHA SOBRINHO



Guilherme Lessa/Divulgação

### Memória à mesa

A Casa Magnolia chega a Ipanema celebrando a memória afetiva carioca em um ambiente acolhedor. O restaurante aposta na tradição para criar novas lembranças à mesa. Sob comando da chef Aline Cury, o menu resgata clássicos como picadinho, estrogonofe e filé com fritas. Entre novidades, os Bifinhos à Magnolia e a Moquequinha com arroz de coco e farofa de castanha. O balcão de acepipes, com opções frias e quentes, convida ao compartilhamento, enquanto drinques autorais e chopes completam a experiência.



Divulgação

### Sorvete com borogodó

A Tapi Tapioca e Açai lança linha de sorvetes em collab com a Sorvetiño, gelateria referência no Rio. Batizada de Tapi + Sorvetiño, a parceria une identidade carioca à técnica premium, com textura cremosa e ingredientes naturais. Sem corantes ou aromatizantes artificiais, os sabores apostam em autenticidade e qualidade. Entre os destaques estão o Tapioca da Tapi, inspirado na Goma Rosa, e o Casadinho com açai de alta concentração. A novidade já está disponível em diversas unidades, do Leblon à Barra e também em Niterói.



Ricardo Rogers/Divulgação

### Novo ORG

Após 15 anos, o ORG inaugura nova fase com reforma completa e ambiente mais contemporâneo e acolhedor. Referência em gastronomia vegana, o restaurante da chef Tati Lund mantém sua essência ligada à natureza e à sustentabilidade. O rebranding traz identidade visual mais madura, com design minimalista que valoriza os pratos e o projeto arquitetônico aposta em linhas sóbrias e luz natural. No cardápio, seguem ingredientes orgânicos e sazonais, com destaques como tofu katsu, crab cake vegano e a “Pintura da Natureza”.

## FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Ruas,  
espadas  
nuas

Minha saga com ruas 'complicadas' no Rio de Janeiro. Parece que essa sina me persegue aonde eu vá. Chega a ser bem engraçado. Pelo menos está servindo de tema para esta continuação.

Anos atrás tarde, fui trabalhar numa ruazinha sem saída, para lá de bucólica, extremamente simpática, repleta de árvores centenárias, cheia de saguis e pássaros, no miolo de Botafogo, composta somente de casas assobradadas. Uma delícia. Um oásis em meio ao caos das ruas Real Grandeza e rua Martins Ferreira. Rua Goethe. Misto de habitações residenciais e comerciais. Ao nosso lado, o Baukurs; curso de alemão para adultos. Do outro a Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. Tempos outrora foi sede do "Casseta & Planeta" da turma do saudoso Bussunda, do Hélio de La Peña, do Beto Silva, do Cláudio Manoel, Hubert Aranha, Marcelo Madureira, da Maria Paula e do Reinaldo Figueiredo.

No começo, ao pedir o rádio táxi, enchia o peito e, a plenos pulmões bradava ao telefone: "Por gentileza, um carro para a rua 'Güêth', número tal". Claro que era um tal de — O senhor pode repetir? Claro: "Rua Güêth, número tal". Lá pela quarta ou quinta repetição, a atendente desistia de entender minha pronúncia alemã de Meyer e entoava a frase mágica: "O senhor pode soletrar?" Claro... Óbvio que eu ouvia um sonoro, 'aaaaahhhhh', um suspirar profundo e a frase mecanizada: "Vamos estar buscando o carro mais próximo do senhor".

Naquela época, eram raríssimos os carros com GPS — que tinha valores extorsivos e ainda era necessário pagar pelo serviço — e o Waze nem sonhava em existir nas cabeças da turma dos desenvolvedores nerds do Vale do Silício. O motorista tinha de ser raiz. Conhecer a cidade como ninguém, saber os atalhos, as pegadinhas de ruas e bairros homônimos; Freguesia de Jacarepaguá e da Ilha do Governador ou quase isso. Dias Ferreira e Domingos Ferreira qual delas fica no Leblon e qual fica em Copacabana? Ruas Humberto e Alberto de Campos: próximas, porém em bairros diferentes. A primeira no Leblon, a segunda em Ipanema. A rua Martins Ferreira parece rua do Flamengo, a rua da Ajuda no Centro já foi Melvin Jones — Fundador do Lions, a avenida Marechal Floriano foi rua Larga.

Ainda bem que não diz respeito à rua da Amargura. Sim, ela existe, fica no bairro Recreio Paço da Marambaia, no município de Nova Iguaçu. Imagine alguém preenchendo um cadastro ditando seus dados para outrem: "Nome?" "Sabe o seu CEP?" "Sei sim. É 26.063-062"... Atendente: (cri-cri-cri-cri...) "Rua da Amargura... é isso mesmo?"

Só convocando as ruas Perpétua, em Bangu, e Felicidade, em Caxias.

